Valor ECONÔMICO

Imprimir ()

02/10/2013 - 00:00

Serviços e competitividade

Por **Jorge Arbache e Victor Burns**

Que o setor de serviços ocupa lugar de destaque na economia brasileira, poucos duvidam. E razões não faltam. Os serviços respondem por 67% do PIB, número comparável ao de economias avançadas; são os maiores empregadores e os que mais criam oportunidades de emprego - nada menos que 80% de todos os novos postos de trabalho formais abertos em 2012 tiveram origem no setor; e atraem cada vez mais investimentos estrangeiros em áreas tão diversas como varejo, educação, saúde e atividades de suporte a plataformas de petróleo.

Mas o senso de relevância do setor aumenta quando levamos em conta a sua participação nas cadeias de produção da indústria de transformação e suas consequências. Em 1996, o consumo intermediário de serviços correspondia a 42% do valor adicionado da indústria. Em 2011, aquele número já havia saltado para nada menos que 60%. Na indústria extrativa, por exemplo, o consumo intermediário de serviços correspondia a 36% e 35%, respectivamente. O crescimento da participação dos serviços nas cadeias de produção da indústria decorreria, ao menos em parte, de mudanças no padrão de consumo em favor de bens mais intensivos em serviços, como o iPad, novas tecnologias produtivas e mudanças estruturais na organização da produção.

Embora os serviços financeiros e de transporte e logística ainda ocupem as posições de destaque, são os serviços menos convencionais que estão ganhando proeminência nas cadeias de produção da indústria. Serviços industriais e de manutenção prestados por terceiros e despesas com royalties e assistência técnica, por exemplo, saltaram, juntos, de 13% para 32% das despesas totais com serviços entre 1996 e 2011. A tendência é que a participação desses serviços, característicos da terceirização e da fragmentação da produção, aumente ainda mais à medida que a indústria se sofistique e se integre mais às cadeias globais de valor.

A modernização dos serviços fará bem à indústria e aumentará o bem-estar e a produtividade sistêmica

Se, de um lado, a crescente participação dos serviços nas cadeias produtivas indica que a indústria brasileira já estaria empregando métodos de organização da produção populares em economias avançadas, indica, por outro lado, que os serviços seriam, pelo seu peso, fatores determinantes da competitividade da indústria. O problema é que indicadores de desempenho do setor de serviços deixam a desejar, o que teria efeitos econômicos não negligenciáveis para a economia em geral e para as atividades mais dependentes de serviços em particular, como é o caso da indústria.

De fato, a produtividade média do setor de serviços é baixa e tem crescido anemicamente - na última década, avançou apenas 0,5% ao ano. Já os preços relativos do setor dispararam - a inflação dos serviços aumentou 58% mais que a inflação geral nos últimos 10 anos. Indicadores específicos, como preço do armazenamento e transporte de contêineres, qualidade dos serviços de telecomunicações, preço da transmissão eletrônica de dados, taxa de juros, preço e confiabilidade do fornecimento de energia elétrica e tarifa de quarto de hotel em cidades grandes reforçam a percepção de deficiência do setor de serviços e sugerem que as empresas industriais brasileiras

estariam em desvantagem perante as empresas de outros países. Parece-nos razoável afirmar que os serviços são fonte de pressão de custos e constrangem o crescimento da produtividade e da competitividade, notadamente dos setores mais expostos à competição internacional.

Se assim é, por que, então, a indústria brasileira estaria usando mais, e não menos serviços? Uma primeira explicação é a elevação dos preços relativos dos serviços, que amplia a fatia dos mesmos nos custos da indústria. Uma segunda são as mudanças nos padrões de consumo em favor de bens com serviços embarcados. Uma terceira possível explicação seria que, por ainda ser relativamente fechada, a economia brasileira toleraria que empresas industriais operassem com custos elevados. Uma quarta explicação seria que a produção de serviços "in-house" - como transporte e logística, por exemplo -seria mais custosa que a terceirização.

Quaisquer que sejam as explicações, é certo que o aumento da competitividade da indústria requer o aumento da competitividade dos serviços. Por isso, para serem bem-sucedidas, as políticas tecnológicas e de desenvolvimento produtivo deveriam reconhecer a relevância dos serviços para a indústria e torná-los parte do objeto principal das mesmas.

Uma agenda de competitividade para o setor deveria considerar as causas mais visíveis do seu modesto desempenho, incluindo a baixa escolaridade média; a elevadíssima rotatividade dos trabalhadores; o baixo acesso das micro e pequenas empresas ao crédito e à tecnologia; a elevada proporção de empreendimentos informais, que inibe investimentos das empresas formais; e a baixa concorrência em vários segmentos dos serviços, o que estaria, em muitas circunstâncias, associado a regras rigorosas de controle de entrada.

A modernização dos serviços fará bem à indústria. Mas também fará bem a todo o país, pois criará mais empregos de qualidade e aumentará o bem-estar e a produtividade sistêmica.

Jorge Arbache é assessor da presidência do BNDES e professor da Universidade de Brasília.

Victor Burns é assessor econômico da presidência do BNDES e professor da Universidade de Brasília. Este artigo não representa, necessariamente, as visões do BNDES e de sua diretoria.